

Votán-Zapata e a revolução maia no sudeste mexicano

Adriana de Godoy¹

“...sueña que su tierra es libre y que es razón de su gente gobernar y goberarse...”

Subcomandante Marcos

Na noite de primeiro de janeiro de 1994, um exército indígena se sublevou no Estado de Chiapas, sul do México, tomando San Cristóbal de Las Casas, antiga capital colonial do Estado, e outras povoações (Ocosingo, Altamirano, Margaritas, Oxchuc, Chanal e Huistán).² Usando gorros passa-montanhas, os rebeldes se autodenominavam Exército Zapatista de Libertação Nacional, numa evocação à figura de Zapata, um dos líderes da Revolução Mexicana de 1910.

Sublevando-se contra o governo do presidente Carlos Salinas de Gortari (1988-1994), o movimento neozapatista trouxe para o cenário político mexicano as demandas dos camponeses indígenas chiapanecos, que se opunham ao PRI (Partido Revolucionário Institucional, no poder do México desde 1929) e ao Nafta (North American Free Trade Agreement) ou TLC (Tratado de Livre Comércio), acordo comercial assinado entre o México, o Canadá e os Estados Unidos, que entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1994, data da revolta indígena. Um dos líderes do movimento é conhecido como Subcomandante Insurgente Marcos, Subcomandante por estar subordinado ao Comitê Clandestino Revolucionário Indígena - Comandância Geral (CCRI-CG), instância máxima de poder dentro do EZLN.

Aos oito anos do levante, o movimento, popularizado e propagandeado largamente através da figura do seu carismático porta-voz, Subcomandante Marcos, definiu-se claramente como um dos mais eficazes e bem estruturados movimentos indígenas da América Latina. Através da análise dos seus discursos políticos, compreendemos o enlace entre a cultura maia e a idéia de revolução presente nos movimentos guerrilheiros latino-americanos, na sua maior parte inspirados na Revolução Cubana de 1959 e nos ideais guevaristas.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) é composto por 4 ou 5 mil indígenas maias, basicamente das seguintes etnias: tzel-

¹ Graduação - História/USP. A autora trabalhou com o movimento Zapatista no ano de 1998, através de Iniciação Científica financiada pela Fapesp.

² De Lella, Cayetano e Ezcurra, Ana Mana (orgs.) Chiapas. Entre la tormenta y la profecía. Buenos Aires, Lugar Editorial, 1994, p. 201.

tales, tzotziles, tojolabales, choles, mames e zoques³, presentes no estado de Chiapas, no sudeste mexicano. Segundo Carlos Lenkersdorf, lingüista que realizou pesquisas com os maias tojolabales, “a lo largo de los quinientos años, desde la llegada de los europeos, no hubo ningún siglo sin levantamiento maya. La ‘guerra de castas’, así llamada por los no mayas y que ocurrió en el siglo pasado, duró unos cincuenta años. El 1o de enero de 1994 es otra fecha memorable de un levantamiento maya al terminar el siglo veinte.”⁴

Portanto, compreendemos o levante zapatista como uma expressão do movimento indígena maia, secular, que existe há cinco séculos, desde a chegada dos espanhóis à América.

Mas também compreendemos o neozapatismo como produto da Revolução Mexicana de 1910 e das lutas guerrilheiras ocorridas na América Latina, especialmente a partir da Revolução Cubana de 1959.

Estudando os textos escritos pelos Zapatistas entre 1o de janeiro de 1994 e o final de 1995, publicados no México em dois tomos pela Ediciones Era⁵, pude chegar a algumas conclusões sobre a idéia de revolução que os neozapatistas apresentam. Essa idéia de revolução passa pelos ideais Zapatistas, guevaristas e guerrilheiros latino-americanos, para conjugar-se com a cultura e a resistência das etnias maias que compõem o EZLN.

Antes de apresentar as conclusões a que cheguei com os documentos estudados, é necessário colocar que os textos são assinados por um movimento indígena militarizado, em plena selva chiapaneca, e aparecem para o mundo escritos em língua espanhola, e não em alguma das quatro principais línguas indígenas que predominam no Estado de Chiapas (tzotzil, tzeltal, tojolabal e chol). O primeiro documento conhecido, a Declaración de la Selva Lacandona, é assinado pela Comandancia General del EZLN. O segundo documento é um jornal informativo do EZLN, escrito em dezembro de 1993, e não tem assinatura de nenhum órgão ou pessoa. Já o terceiro documento, com data de janeiro de 1994, foi escrito pelo “compañero Sc. I. Marcos”, na metade do ano de 1992, e se intitula “Chiapas: el Sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía”⁶. Esse é o primeiro documento que aparece com a assinatura do Subcomandante Marcos, e, a partir daí, a documentação vai aparecer diferenciada de acordo com quem a emite. A Comandancia General del EZLN do primeiro documento vai passar a assinar como Comité Clandestino Revolucionario Indígena - Coman-

3 Le Bot, Yvon. Subcomandante Marcos. El sueño zapatista. Barcelona, Plaza & Janés, 1997, p. 39.

4 Lenkersdorf, Carlos. Cosmovisión maya. México, Ce-Acatl, 1999, p. 9-10.

5 EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, 2a edição. EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, Tomo 2.

6 EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, Tomo 1, p. 33-66.

dancia General del EZLN (CCRI - CG), mas “los únicos documentos válidos como emitidos por el EZLN y reconocidos por todos los combatientes zapatistas serán aquellos que tengan firma del compañero subcomandante insurgente Marcos.”⁷

Portanto, toda a documentação será assinada por Marcos, mas os textos que serão emitidos pelo CCRI - CG vão se diferenciar, no que toca à linguagem, daqueles que serão escritos unicamente por Marcos; no caso desses, o texto é mais elaborado, já que o Subcomandante Marcos possui um estilo próprio, irreverente e criativo, com forte influência de movimentos vanguardistas da literatura (ver, por exemplo, os documentos *La larga travesía del dolor a la esperanza*; *Presentación de Marcos a propuestas para la discusión en la CND*, *Carta a Adolfo Gilly*, *Sobre la Historia de los Colores*, *Chiapas, el sureste en dos vientos*, *una tormenta y una profecía*, *Carta y poema*⁸, etc), enquanto os textos emitidos pelo CCRI -CG possuem uma linguagem mais direta, objetiva, própria de manifestos e informativos políticos. Essa diferenciação é necessária porque os textos assinados por Marcos merecem uma interpretação mais subjetiva, e falam de revolução de um modo mais pessoal - uma concepção revolucionária profundamente arraigada na cultura maia, no zapatismo e nas lutas guerrilheiras latino-americanas.

Dos 242 documentos estudados, 183 não apresentaram nenhuma referência à revolução, mas, dos 59 que falaram sobre esse tema, retirei algumas conclusões interessantes que nos permitem avaliar o significado da idéia de revolução para os maias zapatistas.

Podemos dividir as referências à idéia de revolução da seguinte maneira:

- 1) ditas explicitamente, ou seja, a palavra revolução aparece manifesta no texto.
- 2) relacionadas com a história do México e com a Revolução Mexicana.
- 3) ligadas à idéia de mudança, de cambio.
- 4) como garantia de um novo mundo.
- 5) relacionadas com a luta armada.
- 6) ligadas à idéia de reforma.
- 7) relacionadas com a questão feminina.

⁷ Idem. p.80.

⁸ EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, Tomo 2, pp.49-80, 88-91,104-115 e Tomo 1 pp. 49-66, 197-200.

8) como metáfora.

Apresentarei as conclusões a que cheguei, com base nos documentos, em cada um desses tópicos. Vale lembrar que essas conclusões estão ainda em sua forma bruta, e que respeitaram rigorosamente o teor documental dos textos estudados, e a ideologia por eles colocada.

1) Textos onde a palavra revolução aparece manifesta no texto:

O tema revolução aparece explicitamente nos textos relacionado à idéia de libertação nacional, que se daria através de um movimento nacional revolucionário cuja gravitação ocorreria sobre três premissas básicas: liberdade, democracia e justiça.

Os zapatistas propõem uma revolução que resulte em um espaço político democrático, onde a luta política possa ocorrer sem injustiças ou repressões de qualquer espécie. O novo México nascerá dessa luta política desenvolvida nesse espaço livre e igualitário. Daí a idéia de fazer uma nova revolução que garanta o espaço de surgimento da revolução propriamente dita.

Essa revolução zapatista que luta por um espaço político e igualitário coloca-se como uma revolução que não deseja que os seus atores tomem o poder. Uma revolução que procura garantir o direito à participação política efetiva para todos os mexicanos, especialmente para os excluídos da luta política, e daí a identificação do EZLN com os sem-partido, os excluídos dos manuais revolucionários, os sem voz e sem rosto, os abandonados, os incapacitados, os ausentes da história e os sempre presentes na miséria. Uma revolução que garanta a todos o direito de fazer uma revolução, de participar politicamente, num espaço político onde a revolução institucionalizada do PRI (Partido Revolucionário Institucional) aparece como a certeza da continuidade para os que venceram a Revolução Mexicana de 1917, e nunca como ruptura. O EZLN coloca-se como organização revolucionária na proporção mesma em que nega o Partido Revolucionário Institucional, e em que acredita que a revolução em si não é utópica; crença que, com o fim da Guerra Fria, abandonou grande parte dos intelectuais esquerdistas - revolucionários de dez anos atrás se tornaram hoje apolo-gistas do neoliberalismo. A esquerda também, para os zapatistas, apesar de estar submersa em inúmeras vanguardas sem contingentes de adeptos, acredita que a revolução é necessária e possível (e reside aí o seu maior mérito). Entretanto, é a crise econômica que conscientiza politicamente, pois o neoliberalismo pós-Guerra Fria bipolarizou a situação mundial em

ricos e pobres de tal modo que a miséria conscientiza, mais que qualquer vanguarda de esquerda. O problema da revolução passa a ser um problema onde todos possam vê-la como necessária e possível; portanto passa de uma questão das vanguardas para ser um assunto das maiorias. Isso porque uma revolução 'imposta' terminaria por voltar-se contra si mesma.

A luta revolucionária aparece, portanto, como a luta por um espaço onde a revolução contra a revolução institucionalizada - representada pelo PRI (Partido Revolucionário Institucional) - possa ocorrer. Os zapatistas colocam-se contrários à tomada do poder, na medida em que buscam um espaço de participação política livre e justo, onde a vanguarda, se deve existir, não necessariamente deva se chamar EZLN.

2) Referências relacionadas com a história do México e com a Revolução Mexicana:

A idéia de ruptura e continuidade surge na medida em que a história revolucionária mexicana é resgatada sob dois vieses:

- 1) história protagonizada por aqueles que se colocavam contrários ao poder e à ordem estabelecida.
- 2) história daqueles que se puseram como continuidade desse poder.

Uma história de continuidade permanece em Chiapas, que possui estruturas da época de Porfírio Díaz. E a ruptura fica clara quando os habitantes originais dessa mesma Chiapas rebelam-se se inspirando em protagonistas de rebeliões e revoluções passadas. O passado surge então como um passado de continuidades e, simultaneamente, de rupturas que permanecem no presente chiapaneco e nacional.

3) Referências à revolução ligadas à idéia de mudança, de cambio:

O cambio, a mudança, aparece como idéia revolucionária na medida em que essa mudança represente uma ruptura com o sistema político mexicano. Um cambio sem ruptura não garante a mudança, a revolução, porque só se realiza enquanto garantia da permanência: é a mudança que se realiza para que tudo permaneça como está. Por isso a idéia de mudança, para os zapatistas, pressupõe a ruptura, exige a ruptura, e o cambio torna-se então sinônimo de revolução.

Todas as considerações colocadas acima, referentes aos docu-

mentos nos quais a revolução aparece dita explicitamente, valem para essa idéia de mudança, de cambio.

Essa mudança que os zapatistas querem, entretanto, pode ser pacífica ou armada: “cerrando la puerta del cambio pacífico a la democracia abrieron la pesada puerta de la guerra.”⁹ Isso explica a eclosão da luta armada em janeiro de 1994. Um trecho que define bem tal idéia de mudança é o seguinte, dirigido ao então presidente do México Ernesto Zedillo:

“No es nada personal, señor Zedillo. Simplemente ocurre que nosotros nos hemos propuesto cambiar el mundo, y el sistema político que usted representa es el principal estorbo para lograrlo.”¹⁰

O sistema de partido-Estado¹¹, representado por Zedillo e pelo PRI é, portanto, o principal obstáculo para a construção do novo México, ou, porque não dizer, de um mundo novo.

4) Revolução aparecendo como garantia de um mundo novo:

A idéia do “amanhã”, de que um novo mundo nascerá depois de uma noite longa, cheia de pesadelos e dor, pressupõe que o México que os zapatistas querem nascerá nesse amanhecer, como realidade e não apenas como utopia. Nesse dia, ser mexicano deixará de ser um vergonha, pois os insurgentes constróem o “amanhã” de sua pátria, constróem a revolução. Nesse novo México, uma nova relação política, econômica e social será construída entre todos os mexicanos (e, por consequência, entre todos os seres humanos), quando o governo cairá pela força que obrigará o país a amanhecer.

Um novo amanhã, um novo mundo, será o resultado de uma revolução, e oferecerá um nova relação entre os mexicanos e entre os seres humanos. O passado aparece dotado de sentido quando sobre ele torna-se possível construir uma nova relação entre as pessoas, um novo mundo, um amanhã.

Uma nova relação política, econômica e social surgirá no amanhã, fruto de uma revolução, e nessa relação a humanidade será mais humana. Um novo mundo, melhor que o de hoje e o de ontem, será portanto o resultado direto da revolução.

9 Ver documento: A Ernesto Zedillo. In: EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, Tomo 2, p. 141.

10 Idem.

11 Em agosto de 1990, o escritor peruano Mario Vargas Llosa definiu o sistema político mexicano como sendo “a ditadura perfeita”. Segundo ele, o “México tem todas as características de uma ditadura: a permanência, não de um homem, mas de um partido.” Citado por: Fuser, Igor. México em transe. São Paulo, Scritta, 1995, p.13-14.

5) Revolução relacionada com a luta armada:

Como foi dito, uma explicação para o levante armado de janeiro de 1994 é que a porta da mudança por vias pacíficas havia sido fechada pela falta de alternativas pacíficas para as demandas indígenas. A luta armada tornou-se, com o esgotamento da via pacífica, inevitável: “Y vimos que a la buena no cambiaba. Y vimos que agarrar las armas.”¹² Para arrebatarse uma voz “que se les negó antes”, os indígenas não negaram “el pago de sangre que esto implica.”¹³

A luta armada aparece, então, como suporte para a revolução e como um meio legítimo de mudar o mundo, particularmente quando a via pacífica da mudança se esgota.

6) Revolução ligada à idéia de reforma:

Reforma, assim como cambio, aparece como sinônimo de revolução: “reforma política radical”¹⁴ e “reforma política profunda” nada mais representam que a demanda zapatista por mudança, por ruptura. É significativo que “reforma política profunda”¹⁵ apareça como a principal demanda política dos zapatistas.

7) Revolução relacionada com a questão feminina:

A Lei Revolucionária das Mulheres aparece no texto “El Despertador Mexicano - Órgano Informativo del EZLN”¹⁶ e representa uma verdadeira revolução nas comunidades indígenas zapatistas, na medida em que coloca as mulheres em posição de igualdade com os homens, mesmo dentro de um universo pluriétnico, plurilinguístico e, basicamente, analfabeto. O primeiro levante zapatista, dentro da análise desse documento, ocorreu então em março de 1993, e teve como protagonistas as mulheres, representando portanto uma revolução cultural.

8) Revolução como metáfora:

12 Ver documento: Al presidente municipal de Sixto Verduzco, Michoacán. In: EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, p. 132.

13 Ver documento: Carta a John Berger. In: EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, Tomo 2, p. 357-8.

14 Ver documento: Asesinato de Colosio. In: EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, p. 203.

15 Ver documento: Carta a Alianza Cívica sobre la consulta. In: EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, Tomo 2, p. 395.

16 EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, pp. 36-48.

O conceito de revolução surge como metáfora da natureza, pois o “mañana” mexicano nascerá do choque de dois ventos (o de cima, o da elite dominante, e o de baixo, o vento “de abajo”¹⁷), ou seja, a revolução aparece como metáfora da “tormenta”, tormenta essa que criará um mundo melhor, novo.

Mas a “tormenta” nasce não só desse choque entre o vento de “arriba” e o de “abajo”, nasce também na montanha, “pero no se ve hasta que llega abajo”.¹⁸ Os arroios são os revolucionários que, “cuando bajan... ya no tienen regreso...más que bajo tierra”¹⁹: a revolução implica, como já foi dito, em luta armada quando a via pacífica se esgota, e no pagamento em sangue que essa luta cobra. Mas como os “gobiernos levantaron altas y fuertes paredes para esconderse de nuestra muerte y nuestra miseria”, a força da tormenta (revolução) e dos arroios (revolucionários) “debió romper esas paredes para entrar otra vez a nuestra historia, a la que nos habían arrebatado junto a la dignidad y la razón de nuestros pueblos.”²⁰

Dizem os zapatistas: “cuando amaine la tormenta (...) el mundo ya no será el mundo, sino algo mejor.”²¹ Novamente a revolução aparece como possível, como consequência do presente, da história, e como promessa de um novo México, e de um novo mundo, um novo amanhã.

Essas conclusões a que cheguei estão ainda em estado bruto, como coloquei anteriormente, mas podem apontar para algumas percepções sobre a luta maia neozapatista do México. Em cada conotação que o termo “revolução” ganha nos documentos zapatistas, se esclarece a relação que existe entre a cultura maia e a questão revolucionária, pois uma não pode ser compreendida sem a outra, ou melhor, a riqueza que a idéia de revolução ganha na interpretação maia é, a meu ver, a melhor contribuição do movimento zapatista para as lutas populares mexicanas e latino-americanas em geral.

A revolução, para o EZLN, não passa por uma aceitação e adaptação de um dogmatismo socialista e/ou comunista, mas absorve o ideário trazido pelas guerrilhas e pela Revolução Cubana de 1959 sob o marco

17 “(...) los de abajo son los pobres que son los campesinos, los ‘indígenas’ y los soldados (...), los que dan la vida...”. Mansour, Mónica. “Cuspides inaccesibles”. In: Azuela, Mariano. Los de abajo. São Paulo, Edusp, 1996, p. 302.

18 Ver documento: Los arroyos cuando bajan. In: EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, pp. 241-2.

19 Idem.

20 Ver documento: A la CONAC-LN.. Ibidem, p. 147.

21 Ver documento: El sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía. Ibidem, p. 66.

da cultura indígena, reelaborando a partir dessa digestão uma nova idéia revolucionária. Esta é, a meu ver, uma das principais novidades que o movimento zapatista trouxe para o cenário da esquerda mundial. Os indígenas do EZLN não querem tomar o poder, não se colocam como uma guerrilha de corte clássico, foquista, pois compõem um exército armado de milhares de homens, e pensam a Revolução Mexicana e o zapatismo dentro do marco da cultura maia. O desprezo dos maias pela tomada de poder reflete-se na sua recusa em aceitar o centralismo e o autoritarismo presentes em regimes socialistas e capitalistas.

Yvon Le Bot, que entrevistou o Subcomandante Marcos e outros comandantes do Exército Zapatista, afirma que no neozapatismo “el discurso y las prácticas leninistas dejaron el lugar a la insurrección social y moral (...) El modelo insurgente a la mexicana y la base comunitaria indígena llevaron a Zapata más allá del vanguardismo leninista o guevarista. La referencia central es la de Votán-Zapata, sincretismo de dos figuras tutelares que tienen en común la defensa de las tierras de las comunidades. Votán, personaje legendario que (...) desempeña esa función en las creencias de algunos grupos indígenas de Chiapas, encarna en Zapata, héroe de la Revolución Mexicana que regresa con un proyecto político nacional, sin desear, tampoco esta vez, hacerse con el poder. El resultado es esta nueva - y frágil - alianza: el zapatismo”.²²

Acredito ser esse um dos eixos principais - senão o principal - para a compreensão do movimento zapatista mexicano. Esse sincretismo que se fez entre a figura de Zapata, que representa um dos mitos revolucionários populares do México, ligado ao campesinato e à figura de Votán, personagem que representa para os indígenas a defesa das terras de suas comunidades, é a melhor representação do zapatismo no final do milênio. Votán-Zapata representa os indígenas maias, mexicanos, se autodenominando zapatistas e tomando a antiga capital colonial de Chiapas, a cidade de San Cristóbal de Las Casas, no dia 1º de janeiro de 1994. Representa a recusa que os indígenas fizeram das guerrilhas de corte clássico, e das idéias por trás delas, para engajar-se num exército camponês maia, de milhares de combatentes; negando-se a tomar o poder para evitar o centralismo e o autoritarismo, e também para defender sua cultura.

O nascimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional, uma década antes do seu aparecimento para o mundo em 1994, exemplifica a recusa pelos indígenas do foquismo e das idéias de luta que deveriam substituir a resistência secular dos povos autóctones. Diz-nos o Subcomandante Marcos, ele próprio um dos únicos mestiços presentes no EZLN:

²² Le Bot, op. cit., p. 73-4.

“en la Primera Declaración la expresión ‘somos producto de 500 años de lucha’ no dejaba duda de que se trataba de una cuestión indígena”²³ pois, no período inicial de formação do EZLN, o primeiro núcleo, de caráter marxista-leninista, se encontra com o mundo indígena, “una realidade que no puede explicar, de la que no puede dar cuenta y con la que tiene que trabajar(...) Esa es la primera derrota del EZLN, la más importante y la que lo marcará de ahí en adelante”. O resultado será “el proceso de transformación del EZLN, de un ejército de vanguardia revolucionaria a un ejército de las comunidades indígenas (...) parte de un movimiento indígena de resistencia”.²⁴

O movimento neozapatista é, portanto, como foi colocado no início, produto das lutas indígenas, camponesas, da Revolução Mexicana e das guerrilhas latino-americanas, na medida em que faz uma nova leitura dessas lutas populares através da cultura maia.

O que pretendemos nesse artigo foi apreender a importância inegável de uma cultura milenar, que não se deixou extinguir com a chegada dos espanhóis, e que, 502 anos depois, respondeu com as armas ao projeto neoliberal, reelaborando as velhas bandeiras de luta da esquerda latino-americana a partir do seu universo cultural rico e igualmente resistente à dominação.

Agradeço à Prof. Dra. Maria Ligia Coelho Prado, que me orientou na Iniciação Científica, e à Fapesp.

Às pessoas que me ajudaram a compreender um pouco da grandeza do universo maia e zapatista mexicano, à Marina Veiga Scalabrini, ao Prof. Dr. Jorge Grespan e ao companheiro cuja generosidade me fez entender a história.

Bibliografia

- ANDERSON, Jon Lee. Che Guevara: uma biografia. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997.
- AZUELA, Mariano. Los de abajo. São Paulo, Edusp, 1996.
- DE LELLA, Cayetano e EZCURRA, Ana Maria (orgs.) Chiapas. Entre la tormenta y la profecía. Buenos Aires, Lugar Editorial, 1994.
- EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, 2a edição.
- EZLN. Documentos y comunicados. México, Era, 1995, Tomo 2.
- Fuser, Igor. México em transe. São Paulo, Scritta, 1995.

²³ Le Bot, op. cit., p. 202.

²⁴ Ibidem., p. 148-9.

GARCIA DE LÉON, Antonio. Resistencia y utopía. Memorial de agravios y crónica de revueltas y profecías acaecidas en la provincia de Chiapas durante los últimos quinientos años de su historia. México, Era, 1985. Tomos 1 e 2.

GILLY, Adolfo. Chiapas, la razón ardiente. Ensayo sobre la rebelión del mundo encantando. México, Era, 1997.

LE BOT, Yvon. Subcomandante Marcos. El sueño zapatista. Barcelona, Plaza & Janés, 1997.

LENKERSDORF, Carlos. Cosmovisión maya. México, Ce-Acatl, 1999.

_____. Los hombres verdaderos. Voces y testimonios tojolabales. México, Siglo Veintiuno, 1996.

OLIVARES, Jorge Díaz. Manual del tseltal. UNACH, 1980.

PETRAS, James. "As esquerdas e as novas lutas sociais na América Latina" In: Revista lutas sociais. São Paulo, PUC, 1997, n.º 2, pp.5-18.

TÓTORO TAULIS, Dauno e THIBAUT, Emiliano. Zapatistas. Santiago de Chile, Liberarte, 1996.

WOMACK JR., John. Zapata y la Revolución Mexicana. México, Siglo Veintiuno, 1979.